

MARCELO, MARMELO, MARTELO

Ruth Rocha

© Mariana Massarani



Resenha

Neste volume, além do conto que dá nome à obra, *Marcelo, marmelo, martelo*, há ainda *Teresinha e Gabriela* e *O dono da bola*.

No primeiro, Ruth Rocha brinca com a arbitrariedade da linguagem. A imagem de uma colher, por exemplo, não corresponde a sua função e, por isso, a personagem troca o nome por “mexedorzinho”. Marcelo resolve renomear tudo conforme o uso. As criações do menino deixam seus pais, João e Laura, surpresos, e tudo se complica quando ele resolve renomear o incêndio da casinha do seu cachorro Godofredo, e o pai, por não conseguir entendê-lo a tempo, não consegue apagar o fogo. Nesse ponto, o leitor pode achar que Marcelo desistirá de sua própria linguagem, mas aí percebe que os seus pais fazem um esforço para compreendê-lo.

No segundo conto, as garotinhas Gabriela e Teresinha são muito diferentes entre si e, além disso, parecem sentir inveja uma da outra. Gabriela é uma menina muito levada. Teresinha, uma garota muito quieta e arrumadinha. Gabriela pensa que Teresinha é sonsa. Teresinha acha que Gabriela é sem modos. No final, cada uma aprende com o jeito da outra e se tornam grandes amigas.

O último conto do livro chama-se *O dono da bola*, uma expressão bastante conhecida. Conta a história de Carlos Alberto, um garotinho mimado, que leva a bola para casa quando é contrariado pela turminha do futebol. Ele é o garoto que mora na casa mais



Coordenação:
Maria José Nóbrega

bonita da rua e tem muitos brinquedos, só que não gosta de dividi-los com ninguém. Esse comportamento faz com que a turma o ignore por uns tempos. No final, tudo acaba bem, quando Caloca (apelido que ganha dos novos amigos) dá a bola de couro de presente para o time, o Estrela d'Alva Futebol Clube, treinar e jogar.

As três histórias trazem, no desfecho, a mudança de comportamento de seus protagonistas. Em *Marcelo, marmelo, martelo*, o enredo termina em aberto, já que Marcelo cresce e sua filha passa a assumir o ciclo de questionamentos, apontando para a interminável criatividade das crianças. Em *Teresinha e Gabriela* e *O dono da bola*, são pautadas as relações entre o indivíduo e o grupo: as meninas percebem que podem ser felizes assumindo suas próprias características e Carlos Alberto percebe que, para ter amigos, não precisa ser egoísta.

Todos os contos são narrados por meio de diálogos muito ágeis. Somente na última história temos um narrador que participa dos eventos, assumindo o papel de testemunha da história narrada.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Este foi um dos principais livros da minha infância. Marcelo, Teresinha, Gabriela, Caloca e o Latildo foram meus companheiros em muitos momentos. Ler essa história para meus filhos (e ver o mais velho lendo-as sozinho) foi um processo bastante curioso!

Queria começar falando sobre as ilustrações de Massarani. São incríveis! Trazem uma série de outras perspectivas à narrativa envolvente de Ruth Rocha, inspiram as crianças a desenhar, não são realistas, mas também não são esquemáticas. São muito genuínas e não devem nada à clássica caracterização que Adalberto Cornavaca criou para as primeiras edições do livro.

Os pequenos contos de Ruth Rocha têm sobre as crianças uma atração muito forte. São, em primeiro lugar, histórias sobre crianças. Crianças em situações não muito distantes de qualquer situação cotidiana da vida de meus filhos.

Inventar palavras (minha filha menor inventa especialmente palavras em línguas também inventadas), querer ser como o outro (um amigo, uma amiga, primos, irmãos, personagens), ser egoísta com as suas coisas ou ter de lidar com quem assim se comporta. Tudo isso é muito comum no dia a dia de crianças, por isso um forte vínculo se estabelece muito rapidamente desde o início da leitura.

A prosa de Ruth Rocha é invejável. Uma leveza com a qual as crianças se identificam rapidamente, utilizando palavras e expressões que os pequenos usam e dominam. Seja na narração em terceira pessoa da primeira história, na prosa poética da segunda ou na primeira pessoa da última, a escolha das palavras foi sempre um elo muito forte com meus filhos. Miguel, meu filho mais velho, fez questão de repetir muitas das falas das personagens (especialmente do Marcelo, mas também da Gabriela e do Catapimba). Para ele, ler sozinho um livro ainda é um desafio. Ainda mais um livro com três histórias! Uma das coisas mais interessantes enquanto ele lia a história de Marcelo foi que muitas vezes veio me perguntar o que significavam as palavras, mas sempre para se certificar de que as compreendera.

Para mostrar para si mesmo que entendia a língua do Marcelo. O latim virou assunto para longas conversas por aqui. Impossível resumi-las em poucas linhas, já que se misturam com outros livros que lemos e com outras referências das mais diversas.

É claro que o que torna a leitura de *Marcelo, marmelo, martelo* especialmente saborosa é o elemento de exagero, colocando o protagonista numa situação extrema (o incêndio da "moradeira do Latildo") em meio a uma condição também extrema (o uso de um léxico absolutamente privado). Mas o jogo com as palavras e seus significados ultrapassa a historietta e se embrenha nos nossos jogos e brincadeiras. Inventar nomes para as comidas, por exemplo, virou um jogo comum aqui em casa. Já comemos "planta verde com fruta vermelha", "arroz com casca de leite em cima e carninha", "meleca grudenta vermelha-transparente" (desafio o leitor a descobrir que pratos ganharam essas alcunhas).

No fim dessa primeira história, a pequena estranhou: "Ainda bem que os pais da gente falam a mesma língua que a gente, senão eles não iam saber quando a gente está com vontade de ir no banheiro, e a gente ia fazer xixi e cocô na calça". O comentário diz muito sobre o que ela entendeu com a primeira parte do livro. Mas é incrível como ela tem a habilidade de misturar qualquer assunto com xixi e cocô nessa fase...

Teresinha e Gabriela também nos inquietou. Helena, minha filha mais nova, tem se mostrado,

ultimamente, muito afeita a princesas, cor-de-rosa, unicórnios, lacinhos, rendinhas (sintomas incontroláveis da construção social massacrante do que nosso mundo espera de uma menina...) Miguel, sem hesitar, comparou sua irmã a Teresinha. Contudo, a pequena não se satisfaz. Pediu que eu descrevesse novamente as duas meninas e, embora ela não goste de calça comprida, mas de vestidos, afirmou incontestemente que gostava de inventar as brincadeiras para os amigos brincarem, subir em árvores, jogar bola, correr, andar de bicicleta. Durante longos minutos minha filha contemplou as ilustrações da segunda história, enquanto descrevia o que ela mesma gosta de fazer quando brinca na escola, na praça, em casa. Encontrou elementos de ambas as personagens em si mesma e, imediatamente, relacionou o conteúdo com um espetáculo teatral a que assistimos há pouco tempo – *DesPrincesa* (do grupo paulistano de teatro Cia. Casa da Tia Siré). É uma peça que busca desmistificar a cruel divisão de gênero na infância, com jogos cênicos belíssimos e uma encenação simples e potente.

Teresinha e Gabriela está sendo bastante lido por aqui, repetidas vezes. Acredito que o momento que vivemos precisa muito desse tipo de reflexão, para que possamos colocar as crianças em contato com todas as possibilidades de existência, fugindo dos rótulos e dos paradigmas já obsoletos que a todo momento voltam para nos assombrar.





Minha mãe, sempre que uma atitude mimada ou egoísta aflora em um de seus netos, relembra *O dono da bola*. Sempre. Então, para meus filhos, conhecer a origem da expressão que a avó usa também foi um elemento de interesse. Miguel, enquanto lia, lembrava que “a vovó Di falou isso quando eu derrubei a minha cabana para o Joca não entrar” ou que “o Bento faz isso, às vezes, leva a bola embora”. E me perguntou com legítima dúvida: “Quando eu não deixo a Helena brincar com meus cards, eu também sou o dono da bola?”.

O universo que Ruth Rocha constrói (com o auxílio imprescindível de Mariana Massarani) invade um bocado o imaginário das crianças. Carlos Alberto, Gabriela, os amigos do Estrela D’Alva Futebol Clube, o cachorro Godofredo, Marcelo, Teresinha, a professora da escola passaram a aparecer em histórias e músicas que inventamos. Essa turma da rua, esses amigos da escola, esse pequeno universo infantil que se forma diante de nossos olhos e na imaginação das crianças são um portal para que elas possam olhar com outros olhos seus próprios amigos da escola e da rua. Um portal que dá simultaneamente para a identificação e para a crítica. De uma riqueza sem tamanho, se soubermos ouvir atentamente os desdobramentos da leitura no dia seguinte, nas semanas seguintes, talvez nos anos seguintes. Porque a leitura desse livro não acaba na página 61. Eu mesmo ainda estou lendo, refletindo, desdobrando. Desde a primeira vez, em 1980.

Um pouco sobre a autora

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, capital, onde sempre viveu. É graduada em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo e pós-graduada em Orientação Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antes de ter revelado seu incomparável talento como escritora de livros infantis, nesses quase 50 anos de literatura, foi orientadora educacional e editora.

É uma das mais premiadas autoras da literatura infantil brasileira. Tem hoje mais de cem livros publicados no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas.

Desde 2009, Ruth é autora exclusiva da Salamandra.

Leia mais...

Da mesma autora

- ✦ *A escola do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *A família do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Almanaque do Marcelo e a turma da nossa rua*. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Os amigos do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.